

APRESENTAÇÃO

Este número da *Convergência Lusíada* tem como tópico norteador a *poesia portuguesa dos anos quarenta à contemporaneidade* e congrega um elenco de dez ensaios instigantes, além de uma resenha e uma entrevista. Será de destacar a grande vitalidade da investigação em torno da poesia portuguesa contemporânea nas Universidades Brasileiras especialmente impulsionada por linhas de pesquisa internacionais que vêm promovendo relevante produção científica nos últimos anos. Neste contexto, destacaríamos, em primeiro lugar, o Grupo de Pesquisa com maior duração – *Poesia e contemporaneidade* – sediado na UFF, o qual desde 2002 tem integrado professores e alunos de graduação e pós-graduação, e tem sido um importante polo dinamizador que, pelas parcerias estabelecidas e ações desenvolvidas, tem incrementado a investigação da lírica na contemporaneidade incluindo a portuguesa. Alguns dos autores aqui reunidos participam desse grupo.

Nos poetas estudados – embora numa panóplia necessariamente limitada – estão representadas diferentes gerações poéticas importantes: Sophia de Mello Breyner e Eugénio de Andrade, que tiveram uma influência decisiva na poesia portuguesa posterior; duas figuras marcantes reveladas na década de 60: Herberto Helder e Ruy Belo, com mais espaço, dois ensaios cada um, além da presença, de modo mais ténue, de entre a mesma geração, de Fernando Assis Pacheco, João Miguel Fernandes Jorge e de Gastão Cruz, cujo último livro é apresentado em uma das resenhas. Da poesia mais recente, são também matéria de estudo Al Berto, Rui Pires Cabral, Daniel Faria, Fernanda Dias e Beatriz Hierro Lopes. A poesia de Rosa Martelo, uma crítica de forte reconhecimento no cenário atual português, também se torna tema de análise em um dos ensaios.

Sintomaticamente a releitura e reapropriação da tradição por parte dos poetas contemporâneos como gesto de seleção e demarcação poéticas constitui um dos focos de investigação aqui manifesto. Assim, Luis Maffei, através da leitura minuciosa de *Servidões* de Herberto Helder, sob uma óptica camoniana, conduz-nos ao cabal entendimento de que a morte no amor e, logo, na poesia, nos dois grandes poetas, é um comum gesto de ética. Ainda na sequência de Herberto Helder como grande reescritor,

Geovanna Guimarães e Izabela Leal analisam uma vertente menos explorada do grande poeta a saber: as afinidades para com a estética barroca e experimental.

Também na lógica das aproximações poéticas desta feita mais improváveis, Monica Simas detém-se na tradução ou transcrição que Fernanda Dias (poetisa e artista plástica) faz de uma obra clássica da literatura chinesa.

Se os nexos temporais mecânicos ou estritos são subvertidos e problematizados correspondendo a um ímpeto crítico, também as questões de representação, perante um cenário de crise constitutivo da própria modernidade, instituem o enfoque mobilizador de vários dos estudos reunidos. Por um lado, o carácter intransitivo da representação consubstancia-se vivamente nos ensaios que exploram a aproximação entre poesia e a transcendência a propósito da poesia de Sophia de Mello Breyner, Ruy Belo, João Miguel Fernandes Jorge ou Daniel Faria. Ao equacionar a palavra como forma de habitação, a paradoxal condição de tornar visível o inacessível, sustenta-se a potencialidade de metáforas como o mar ou o silêncio.

Por outro lado, a subjetividade lírica ameaçada é sondada em poetas como Al Berto, na figura múltipla do “deserto” no ensaio de Leonardo Sasaki ou, no caso de Rui Pires Cabral, na imagem sombria do “muro”, tal como explorado por Joana Araújo. Numa cartografia urbana agreste, a poesia é interpretada como provisório lenitivo e foco de resistência. No que diz respeito à crítica acentuada ao contexto histórico português, o trauma da guerra colonial na poesia de Fernando Assis Pacheco é transformado catarticamente, segundo a análise desenvolvida por Sérgio Bento, ao passar de um registo do abjeto ao distanciamento proporcionado pela ironia crescente. Já nos dois poetas mais recentes – Al Berto e Rui Pires Cabral – o mal-estar é mais difuso, próprio de um tempo de globalização acentuada e de uma sociedade de consumo.

Este número termina com uma entrevista com o poeta e crítico português António Carlos Cortez, que vem, na última década, firmando seu trabalho de compreensão do poético e criando a sua forma lírica de estar no tempo presente.

Esperamos que o leitor encontre nesses estudos a provocação necessária para ir aos poetas e conhecer mais intimamente suas obras e a força da poesia portuguesa moderna e contemporânea.

Ida Alves
Universidade Federal Fluminense – UFF/CNPq

Cristina Santos
Universidade de Évora – UE